

Congresso

# A grande interrogação

O POVO está perplexo, face à instituição que mais o deveria representar: o Congresso Nacional. Recusa a imagem, que ali deveria encontrar, de sua totalidade diferenciada. E vendo a realidade contrariar-lhe tanto as expectativas, não sabe o que pensar.

É O QUE se pode deduzir da pesquisa feita há poucos dias pelo Ibope. Ela revela atitudes conflitantes, no mesmo universo pesquisado. Diz-se que o país está precisando de um presidente forte, que governe sozinho sem interferência do Congresso; e, ao mesmo tempo, que o trabalho de deputados e senadores é essencial para o funcionamento da democracia.

A SER assim, fica no ar a pergunta: para que tem servido este Congresso? A pergunta subentende um desencanto impaciente, que deve estar se acentuando, à medida que avança a CPI do Orçamento.

É MAIS uma razão para que não fique sem resposta. Mas é resposta a se dar em nível de ação. Um provérbio de outrora dizia: "as palavras movem; os exemplos atraem". Hoje, no que toca ao discurso político, as palavras não movem mais. Veja-se, outra vez, a pesquisa do Ibope: 82% dizem não confiar

nos políticos; 76%, nos partidos; e 60%, no Congresso Nacional.

HÁ quem tire partido, dentro do Congresso, dessa imagem negativa. É o indolente, ou o corrupto. O indolente, porque se contenta com muito pouco, com qualquer coisa quase; o corrupto, porque desenvolve um cinismo que se articula bem com a desconfiança.

OS dois gêneros são incentivados sob governos autoritários. É fácil entender o quanto proliferaram, dentro de um Congresso que recebia o Orçamento Geral da União apenas para o fim de aprová-lo ou rejeitá-lo, tal qual.

PARA que tais gêneros não sobrevivam e para que os iniba, sem contemplação, a forma transparente do processo legislativo, é preciso que o Congresso reveja tudo o que diz respeito à sua formação e atividade.

EXAMINE-SE, por exemplo, como um Congresso renovado em cerca de 70% pôde repetir velhos hábitos e vícios. Não é, em parte, porque o voto obrigatório leva para o Congresso quem jamais teria condições de ali chegar por conceito e mérito? Porque, tornado mero descarte do eleitor desinteressado, o voto obrigatório passa a ser também

o trunfo do candidato inexpressivo ou indigno?

EXAMINE-SE, também, por que o Congresso não consegue transmitir a imagem da produtividade e da eficiência, a ponto de parecer ao povo estar ele bloqueando a ação do Executivo. Não será porque têm vingado no Congresso os vícios da semana de trabalho reduzida, dos feriados esticados, dos recessos brancos e dos pretextos para descontraídas revoadas ao exterior, misteriosamente distribuídas?

É IMPERIOSA e urgente a ação para que se desfaça o estereótipo que confunde o bom e o mau político. Nunca, como agora, o país precisou tanto de que se faça a separação entre o joio e o trigo.

O PRÓPRIO Congresso, aliás, acaba de dar uma outra demonstração de que não pretende ficar de braços cruzados, ao aprovar, por maioria inofensável, o regimento interno da revisão constitucional.

ESSE é um dos caminhos para se estabelecerem as distinções vitais. Um Congresso que trabalha, que cumpre as suas funções essenciais, jamais será confundido com um punhado de aprofittadores.